



A dança dos saberes e as manifestações de arte indígena

Por Naine Terena

A noção de cosmotécnica vem sendo ampliada já algum tempo para abordar as manifestações estéticas indígenas, justamente porque talvez seja um conceito que se aproxime de uma riqueza de processos e conhecimentos, de entendimento e de fruição artística de indivíduos e grupos indígenas com as quais o pensamento ocidental (em especial nas artes) não comungue ou não tenha como base a partir de suas narrativas canônicas. Conheci um pouco sobre cosmotécnica a partir do filósofo Yuk Hui, que busca pensar a técnica fora do universo de referências eurocêntricas, amplificando-a a partir da experiência da filosofia chinesa. Trazer tal conceito é uma maneira de dizer a vocês que estou pensando os fazeres indígenas, tentando distanciá-los das referências e cânones artísticos ocidentais, assim como Yuk Hui pensa com relação a ampliar o entendimento de técnica a partir da filosofia chinesa. É certo que a dimensão de saberes dos mais de trezentos povos indígenas não se encaixam num único conceito, pois cada qual traz em seu cerne a especificidade de “ser” e “fazer”, e imagino que todos os saberes dançam em



maneira espiralada, circular, para cima e para baixo, fluindo entre outras formas, em forma de manifestação artística entre indígenas.

Dessa maneira, aqui estamos exercitando o pensar nessa dança de saberes, a partir dos fazeres artísticos e sua relação direta com as cosmologias indígenas, deixando-se atravessar os entendimentos sobre arte, corpo e cosmo, de maneira mais afastada dos pilares do ocidente, trazendo especialmente alguns pontos levantados nos Atos para a Cura por Ailton Krenak, Cristine Takuá, Carlos Papá e João Paulo Barreto na live Relação entre arte e espiritualidade: o corpo, a dança e o céu, além do didático vídeo Flecha 4 – a selva e a seiva, apresentado durante o workshop no TePI conduzido por Ernesto Neto, Cristine Takuá e Carlos Papá.

Cristine Takuá faz algumas referências importantes para a expansão do conceito de arte, em especial quando lembra que até o parto faz parte de um conjunto que constitui as artes da vida. O corpo em movimento é uma plataforma de produção artística, quando não é por si mesmo arte. A mão é uma flor, explica Carlos Papá: “Nosso corpo dá flor, dá semente e gera a arte indígena, de forma física ou espiritual”.

João Paulo Barreto ressalta a “mão que produz a arte” (citada também por Cristine Takuá, como materializadora do pensamento), que faz parte de um corpo que já é produto da arte do demiurgo. “É nos braços que temos as medidas para fazermos os nossos instrumentos musicais”, explica João Paulo, apresentando esse quebra-cabeça de encaixe perfeito, que conecta as diferentes formas de existência com a arte e, principalmente, o fato de que a



arte indígena não é elemento de atração pelo belo, para os humanos, mas de conexão com o universo animal, vegetal e espiritual.

O que estamos pensando, neste momento em que colocamos as palavras no papel, é que a arte feita por povos indígenas faz parte de um grande sistema que movimenta todos os saberes do universo composto pelo material e pelo imaterial, e, por isso, faz uma dança de todos os saberes que seres animados e inanimados carregam em si.

A arte é componente de um processo de cura, onde o corpo vivo, latente, se movimenta para “pisar suavemente na terra” – como poetiza Krenak –, canta para o rio, embora ele, o rio, ainda esteja dilacerado. A arte dos povos indígenas não é algo produzido somente para os olhos humanos; ela agrega em si o universo que “não se separa de tudo ao nosso redor”, ainda que pessoas não indígenas tenham receio em cantar para o rio.

No vídeo *Flecha 4 – a selva e a seiva*, talvez possamos ter de maneira mais didática a apreensão desse processo: a narrativa explica que todas as plantas têm poder, e entre elas existem as plantas mestras, professoras que ajudam a entrar no estado de concentração do corpo e dos sentimentos. Assim como a jiboia que ensinou os Huni Kuin a cantar.

“Os sonhos, as visões e mirações também proporcionam um portal de visão e entendimento de processo que é potente e criativo dentro de cada um de nós”, aponta Cristine. Nesta mesma toada, Carlos Papá explica que, para entender a arte e a espiritualidade enquanto conexões, é preciso esquecer de



si mesmo. Fechar o olho, ir a fundo, pensar como surgiram os seres, o enxergar, falar, sentir, cheirar, o paladar, o gosto e o prazer... uma intensa dança de saberes, onde a arte é para todos.

